

Breves loucuras 3 (Universo "Sua loucura") (Portuguese Edition)

Pages: 136

Format: pdf, epub

Language: Portuguese

[[DOWNLOAD FULL EBOOK PDF](#)]

Breves loucuras **VOLUME 3** Lana Machado Copyright © 2019 Lana Machado Todos os direitos reservados. A violação aos direitos autorais é crime estabelecido pela Lei nº 9.610/98 e previsto pelo artigo 184 do Código Penal Brasileiro.

Para as garotas da minha ilha, CLM

CAPÍTULO 1 **SOFIA** Levantei a perna o suficiente para puxar a meia fina e dar pulinhos no meio do quarto enquanto tentava ajeitar a renda na minha coxa: uma imagem pouco promissora para quem um dia pensou que seria bailarina e viveria equilibrada em uma só perna, menos promissora ainda para uma mulher casada tentando seduzir o marido em uma sexta-feira à noite. Se Téo me visse agora tentando enfiar meias finas nas pernas, pulando pelo quarto como um saci, a última coisa que ele ficaria era excitado com a imagem que encontraria depois de um longo dia de trabalho... Ou não, considerando que estou falando do meu marido, que fica excitado por qualquer coisa, ainda mais se está há dias sem transar. Mas eu queria fazer uma surpresa justamente por conta disso: estávamos há dias sem transar, então ele merecia pelo menos uma lingerie sexy e meias finas. Na verdade, eu merecia isso também, porque passei dez meses amamentando uma criança, sem poder colocar um sutiã de renda sem que as minhas mamas vazassem, e agora, depois de quase quatro meses, eu tenho o controle dos meus seios de volta, então eu merecia mais essa lingerie sexy mais que tudo. Eu só gostaria que fosse mais fácil poder usar uma lingerie e ver o seu marido tirá-la tanto com as mãos quanto com os dentes. Costumava ser assim há sete anos, quando eu e Téo ainda éramos muito jovens e estávamos em uma excursão de formatura e o nosso maior problema era fazer putaria debaixo dos olhos do diretor Marcos e do pastor Elias. Naquele tempo, até poderíamos pensar que transar em um chalé esquecido era o maior desafio do momento, uma vez que a nossa escola era religiosa e carregava o lema "decidi esperar" entre os alunos, então sair dos chalés no meio da madrugada para transar era a loucura mais deliciosa que poderíamos cometer juntos. Naquele tempo, era muito fácil colocar uma lingerie sexy, porque o meu corpinho de dezessete, quase dezoito, ajudava bastante. Era muito fácil deixar Téo Ferrero excitado porque nós ainda estávamos no começo do relacionamento, então impressioná-lo com comandos sexuais e boquete era a chave para tudo. Era muito fácil passar a madrugada transando, mudando posições e caindo no sono quando estávamos no limite da gozação. Nós estávamos na escola! Na viagem de formatura! E eu ainda fazia ballet, o que deixava as minhas pernas muito, muito flexíveis para que ele as colocasse nos seus ombros, em qualquer lugar do residencial, e mandasse a ver. Depois que fomos morar juntos, ficou um pouquinho mais complicado, mas só um pouquinho, porque eu e Téo sempre arranjávamos um jeito de fazer sexo dar certo. Logo que começamos a faculdade em Porto Alegre, nós também começamos a trabalhar, o que às vezes nos cansava, um longo dia dividido entre estudo e trabalho. Tínhamos o nosso apartamento e, como eu e Téo éramos orgulhosos (ele bem mais que eu), não queríamos a ajuda dos nossos pais para mantê-lo, então era tudo por nossa conta: um verdadeiro desafio. Mas sexo estava sempre na mesa, e quando digo *na mesa*, é porque fazíamos em todas as mesas da casa. Todas. Além disso, morando juntos, eu e Téo tivemos tempo o suficiente para aprimorar o sexo. Nós sempre fomos o tipo de casal que gostava de inovar, então

era fácil manter a energia após um longo dia de trabalho...Aqueles foram bons tempos, há uns dois anos foram muito bons tempos. Eu ficava extremamente sexy em lingerie, as minhas pernas eram uma benção, Téo me comia de manhã, de tarde e de noite em cima de mesas e a única coisa que tínhamos que lidar depois do clímax era limpar a marca da minha bunda e a sua porra da madeira...Era fácil. Até quando pensávamos que era difícil, era muito fácil.Agora... é complicado, porque nós temos uma senhorita Ferrero muito complicada dentro de casa.Pensando nela, deixei os sapatos de salto de lado, coloquei um robe e atravessei o corredor, à caminho do quarto de flores mecânicas. Na verdade, a ideia do papel de parede com margaridas forjadas foi de Téo. Eu gostava de flores, mas ele gostava de máquinas, então ele combinou as duas coisas e colocou a nossa filha em uma fortaleza de pétalas de aço. No final, realmente combinou com Maysa, porque ela também gostava de máquinas. Um dos seus brinquedos favoritos era uma motocicleta de brinquedo, toda personalizada. Ela fazia até o som no motor com a boca: *brum, brum...* Cheguei até o seu berço e me apoiei na grade, encontrando-a com os olhos parcialmente fechados. De leve, toquei as suas bochechinhas coradas, depois a testa, para ter certeza de que a febre não havia voltado.*Graças a Deus, não...* Tombei a cabeça para o lado e acariciei os seus fios de cabelos negros, depois desci para encontrar a sua mãozinha, com dedos tão pequenos envolvendo um tubarão branco de pelúcia. Eu costumava fazer uma careta toda vez que olhava para o animal, já que eu tinha selachofobia...Era isso o que eu dizia para as pessoas que riam de mim quando eu dizia que morria de medo de tubarão. *Não é a minha culpa, é uma fobia real!* Eu sempre tive medo daquele animal, apesar de não culpá-lo por arrancar pernas e braços de pessoas quando estava no seu habitat. Mas logo que Duda (irmãzinha de Téo que já não era mais irmãzinha, pois já estava com dezoito) apareceu com o bichinho de pelúcia para presentear a minha filha, eu quase atirei o tubarão fora. Mesmo que Duda já fosse um jovem adulta, ela ainda tinha ares da pestinha de onze anos com quem eu passava as minhas férias no Rio de Janeiro, então eu sabia que, como o irmão, ela achava engraçado me provocar, principalmente quando se tratava da minha fobia por tubarões (*selachofobia*, o nome). Porém, quando eu tirei a pelúcia do embrulho e Maysa colocou os olhos nas barbatanas, ela estendeu os braços e babou até que eu lhe entregasse a droga do tubarão. Depois que ela o pegou, apertou-o entre os braços e mordeu os dentes do animal, dando um sorriso largo em seguida.Maysa não tinha o costume de sorrir muitas vezes, então tive que dar o braço a torcer e aceitar que a minha linda filha gostava de tubarões, mesmo que esses fossem serem com dentes capazes de matar uma pessoa.Mesmo assim, isso não me privava de fazer uma careta toda vez que eu a via enroscada com o bicho de pelúcia. Eu a amava do jeitinho que ela era e não havia nada que eu mudaria em Maysa, mas Ana Lu estava certa: eu tinha gerado uma vida durante nove meses para parir uma criança que era a cara do pai, além da personalidade muito semelhante, e que ainda curtia tubarões! *Maldição*, a minha melhor amiga dizia, *maldição Ferrero*. Ri comigo mesma, pegando a manta que estava no canto do berço para cobri-la um pouco. Na verdade, Maysa não era uma criança complicada, como eu disse antes. Ela quase nunca chorava, era muito boazinha para comer e tinha uma concentração impressionando quando começava a brincar com os seus brinquedos... Mas... ela tinha passado por uma fase complicada, o que tornou tudo complicado em casa, dias atrás...Os meus pais disseram que eu não deveria me preocupar depois que Maysa saiu do hospital. Ela tinha ficado três dias internada, porque estava com infecção na garganta, mas os meus pais disseram que isso acontecia com crianças da idade dela e que eu e Téo não precisávamos ficar pensando o pior só porque ela teve que ir para o hospital...Mas nós dois ficamos. Nós ficamos loucos quando o pediatra dela disse que Maysa teria que ficar no hospital. Nos últimos dias, ela tinha ficado com muita febre, mal comia e chorava de dor. Quando o médico disse que talvez tivesse que fazer uma cirurgia para tirar as suas amídalas, eu morri por dentro por algumas horas. Imaginar a minha filha de um ano em uma mesa de cirurgia, com pessoas cortando-a, era um pesadelo que eu tive durante os três dias que Maysa ficou internada. Por mais que os meus pais estivessem do meu lado, dando força, eu não consegui comer ou dormir enquanto fiquei com ela no hospital. Fiquei orando para todos os deuses que eu conhecia, implorando para que a cirurgia não fosse necessária. Só que eu tentava ser forte, não apenas pela minha filha que estava doente, mas por Téo.O meu garoto problema não era o tipo de pessoa que fraquejava fácil e, para falar a verdade, Maysa também era assim: ela estava

aguentando bem para uma criança tão nova. Porém, Téo tinha os seus pontos fracos, e o primeiro deles era a nossa filha. Quando o pediatra mencionou a possibilidade de cirurgia, ele perdeu um pouco o controle e discutiu a necessidade daquilo.— Vocês não vão cortar a minha filha porra nenhuma! Ela tem um ano... Vocês não vão cortar a minha filha! — Téo gesticulou a cabeça, com os olhos tão cansados quanto coléricos. — Achem um jeito de fazer ela melhorar... Vocês são médicos! Façam o seu trabalho sem o caralho do bisturi! Foi difícil acalmá-lo durante os dias que Maysa ficou internada. Quando não estava estressado, Téo se calava completamente, o que me deixava preocupada com ele também. Fazia muito tempo que eu não o via em descontrole emocional daquela maneira, então tive que dividir um pouco da consolação entre Maysa e ele, enquanto os meus pais consolavam o meu peito mergulhado em nervosismo. Porém, no final do segundo dia, o médico nos disse que Maysa estava correspondendo bem ao medicamento que estava tomando, então a cirurgia foi descartada. Na manhã seguinte, ela já estava melhor e, quando foi liberada para ir embora, foi como se eu tivesse voltado a viver depois de longas horas afogada. Não havia preçõ vê-la dormindo no quarto dela, com flores mecânicas, ao invés do quarto opaco de hospital. Não havia preçõ vê-la sorrir pela primeira vez depois de três dias chorando baixinho, tentando entender a consistência do próprio corpo. Não havia preçõ vê-la com saúde, abraçada ao seu tubarãozinho branco, como se ela nunca tivesse saído de casa. O pior já tinha passado, com certeza o pior já tinha passado. Ainda que eu ficasse um pouco receosa às vezes, imaginando que a febre poderia voltar, eu sabia que era bobeira minha. Além dos meus pais, Augusto e Angélica haviam me ligado e dito que Roberta também tinha passado pela mesma situação quando era pequena e que as crianças Ferrero eram fortes o suficiente para passarem por isso. Téo também acabou se acalmando quando Maysa voltou para casa. Ele ficou duas vezes mais babão do que já era, desistindo das aulas de boxe e chopp com os amigos durante a semana inteira para ficar com ela... Não que eu não tivesse ficado babona da mesma maneira, porque desmarquei academia e noite de garotas também, trocando fofoca boa e batidinhas por fraldas sujas e voz de extraterrestre ao dar papinha por tempo integral. Já tinha se passado dez dias desde que Maysa saiu do hospital e, felizmente, esta casa estava com cheiro de flor de novo, não mecanizada, mas com cheiro de shampoo e perfume de bebês. Tudo estava em ordem novamente, como o fato de que a minha própria filha estava abraçada a um tubarão branco, mesmo que a sua mãe tivesse *selachofobia*... Bem, na verdade, nem tudo estava em ordem, considerando que agora eu estava me dando conta de que eu e Téo não transávamos há quinze dias. Ou seja, duas semanas. A metade de um mês! O que me levava a questionar se daria tempo de parecer sexy nesta lingerie, porque, a partir do momento que Téo me visse com ela, ele tiraria em dois segundos, talvez apenas com o força do olhar. Como eu disse, antes, sexo era fácil. Em chalés abandonados, bancos de trás de carros (que descanse em paz o Impala), apartamento em Porto Alegre, casa de amigos e alguns outros lugares públicos... Agora, sexo quando se tem uma filha de um ano que não consegue mais dormir longe do pai? É desafio, meus caros. Esse é o verdadeiro desafio! Na verdade, depois que Maysa ganhou o tubarão branco de Duda, quando ela só tinha cinco meses, a minha filha dormia tranquila no seu quatinho. Claro que ela não dormia lá muito cedo, porque Maysa ficava um pouco enérgica à noite, mas depois que eu e Téo tiramos o seu berço do nosso quarto para botarmos no dela, ela se agarrava à pelúcia e dormia sozinha sem medo. Porém, depois de ter passado três dias no hospital, Maysa retornou para casa um pouco frágil. Téo não queria sair do lado dela, mas a nossa filha também não queria que ele saísse, por isso fazia manha todas as vezes que nós deixávamos o seu quarto para irmos para o nosso. Era como se ela sentisse o nosso calor distante: um passo no corredor e Maysa chorava, uma reclamação barulhenta que nos fazia voltar. Então Téo a pegava no colo e a levava junto para o nosso quarto, onde ela dormia no nosso meio. Nós nunca quisemos acostumá-la a dormir na nossa cama, por motivos óbvios. Quando levamos Maysa para Arthur Nogueira e encontramos os amigos da mãe de Téo, Fausto e Vera nos disseram que acostumar a criança a dormir na nossa cama era um erro: *deixe-os dormirem bebês que os pestinhas ficam pelo resto da infância*. — A gente não pode deixar a nossa filha virar uma empaca foda com selo de qualidade, Müller — Téo disse enquanto dirigia na estrada, dando umas olhadinhas rápidas para Maysa, que estava interessada na vista. — Você sabe que eu amo a minha terrorista, mas sou viciado em uma súcubo específica... — Ele

deu um sorrisinho de canto que eu conhecia muito bem. *Eu viciiei na boceta de Sofia Müller!*, um dia Téo Ferrero gritou de um elevador de parque de diversão... E agora ele estava em abstinência. Desde que Maysa voltou para casa, ela se tornou o tipo de *empaca foda* que o pastor Elias premiaria com medalha de ouro. Por mais que estivesse bem, com a saúde de volta, ela estava dormindo mal durante a noite. Eu não sei se ela havia estranhado ficar os três dias no hospital, se era carência por querer que alguém vigiasse o seu sono... Eu só sei que ela, a partir do momento que Téo chegava do trabalho, exigia que ele ficasse por perto. Seja brincando, do lado do berço ou dormindo na nossa cama: Maysa simplesmente não dava uma folga. No começo, eu e Téo até ficamos compreensivos e, na verdade, estávamos tão preocupados com ela que sexo era o de menos, mas... Quinze dias. Duas semanas. Metade de um mês. Eu já estava até sonhando com sexo! Se Téo Ferrero era viciado na minha boceta, eu era viciada no seu pau, porque, sinceramente, com toda a pureza do meu coração, eu não via a hora do meu marido chegar para eu sentar em cima dele e rebolar naquela rola até que as minhas pernas perdessem a função. Depois disso, eu queria que ele me comesse de quatro até que eu ficasse toda inchada e não conseguisse ao menos levantar. E por último eu gostaria de um *meia nove*, coisa de adolescentes que tem tantos hormônios borbulhando que nem aguentam esperar a vez de cada... Eu sei que eu estou soando desesperada. Mas é porque eu estou! Pelo milagre do tubarão branco de pelúcia, eu tinha conseguido fazer a minha filha dormir quando o meu marido estava prestes a chegar do trabalho. Geralmente, Maysa ficava esperando por ele, como se soubesse mentalmente qual horário Téo abriria o portão e entraria dentro de casa, mas dessa vez ela tinha tomado a mamadeira e caído no sono, como a Bela Adormecida. Se em mais ou menos quinze minutos ela continuasse assim, eu poderia agarrar o pai dela antes que ele subisse as escadas para vê-la. Então Téo Ferrero me foderia em cima de mesas novamente. E depois no sofá... E, se o tubarão branco quisesse!, na nossa cama de casal. Saí do quarto na ponta dos pés depois de checar se Maysa não estava febril. O clima estava um pouco frio, do jeito que ela gostava, então estava tudo preparado para que eu e Téo não fossemos interrompidos pelos menos durante umas duas horas (*fé no tubarão!*). Fui até o quarto e terminei de me arrumar, ajeitando a lingerie com estampa de cobra. Se Téo queria uma súcubo, ele teria, mas eu esperava que quem drenasse as energias vitais dessa relação fosse ele. Não via a hora de ter um sono profundo pós-orgasmo. Esse era o melhor tipo de sono que existia e, amanhã, eu estaria renovada: Sofia Müller bem casada e bem comida. Passei um pouco de perfume e fiz uma maquiagem rápida, tudo com os olhos no relógio. Téo já deveria estar chegando, então desci as escadas e me esbanjei no sofá, pronta para deixar um Ferrero de pau duro. Porém, quando descansei a cabeça no estofado, achei melhor colocar o aparelho da babá eletrônica em cima da estante. Se Maysa chorasse lá em cima, eu e Téo não escutaríamos, porque talvez, só talvez, os meus gemidos sobrepusessem qualquer outro barulho. Então seria melhor que eu colocasse só por precaução, caso ela acordasse... Mas a minha bebê não iria acordar. Eu estava positiva de que ela não iria acordar... Era só uma precaução boba. Depois de ligar o aparelho, estava pronta para voltar ao sofá de onde Téo me encontraria assim que abrisse a porta, quando o telefone começou a tocar. Olhei na bina e, soltando um suspiro agoniado, percebi que era do celular da minha mãe. *Justo agora dona Luciana? Pooor quê?* Levantei-me do sofá e coloquei a franja atrás das orelhas, cogitando não atender a ligação. Mas, quando desviei os olhos, fiquei com um pouco de peso de consciência em deixar a ligação cair na caixa postal. Mamãe estava ligando quase todos os dias para saber de Maysa e ela tinha sido tão boa comigo quando passamos aqueles dias no hospital... *Ok. Eu posso atendê-la durante cinco minutos. Eu tenho uns cinco minutos ainda...* Sem conseguir ignorar, estiquei o braço e alcancei o telefone: — Oi, mãe! — disse, abrindo um sorriso ansioso. — *Oi, querida!* — ela respondeu toda alegre, porém, em seguida, comentou: — *Mas que demora pra entender!* — É... Eu... — *estava pensando em Téo Ferrero abrindo as minhas pernas...* — Eu estava fazendo a Maysa dormir. — *Ah, tá...* — mamãe falou, dando um risadinha. — *Ela ainda tá boazinha? Não voltou a febre? Você está dando frutas? Não está comprando aquelas papinhas industrializadas, né, Sofia? Passei horas fazendo a papinha de abóbora. O seu pai comprou o mercado inteiro pra eu fazer...* Respirei fundo, olhando para o relógio da bina. Ela realmente iria me ensinar a dar comida para a minha filha justa agora? — Ela está bem, dona Luciana — eu disse, cortando-a. — A febre não voltou, e ela adorou as papinhas de abóbora. Vou

até pegar a receita depois... — *Que bom! Nisso, essa menina é igual a você, querida. Come de tudo, frutas, legumes, iogurtes naturais... Todo mundo da família falava que você era a bebê mais comilona da família. As suas tias ficavam pasmas, porque as suas primas eram magrelinhas...* Ela realmente iria falar sobre a minha infância justo agora? — É, pelo menos alguma coisa Maysa tem que ter puxado de mim — eu falei, dando uma risadinha. — Mãe, agora tenho que desligar, porque o Téo já está chegando e... e... — *e eu quero muito dar pra ele, a senhora não tem noção do quanto eu quero abrir as pernas pra ele agora...* — Você sabe como o seu genro é, ele gosta de... atenção quando chega do trabalho... — Cruzei as sobrancelhas. Um curto silêncio aconteceu depois que eu terminei de falar. Eu sabia que a minha garganta tinha secado um pouco enquanto eu explicava a situação para a minha mãe, mas eu não esperava que ela contribuísse para tudo, completamente *tudo*, secasse. — *Atenção...? Claro, claro.* — Mamãe riu como se estivesse balançando a cabeça. — *Ele já melhorou? Estava tão preocupado e estressado com a internação da Maysinha. Sério, querida, às vezes Téo precisa controlar o temperamento dele... Ficou todo nervoso só pela possibilidade de uma cirurgia simples.* Na verdade, a minha mãe já tinha dito isso a Téo, no dia em que o médico falou sobre a cirurgia. Dona Luciana não tinha noção de que, quando o genro ficava nervoso, era melhor deixá-lo esfriar a cabeça. Quando ela disse que a cirurgia era simples, Téo só não respondeu nada porque eu pedi com os olhos para que ele não estourasse com a minha mãe também. Além disso, o meu marido ainda não tinha se esquecido da história de que a dona Luciana furou as orelhas de Maysa sem a nossa permissão. Quando viu a sua terrorista com duas pérolas nos lóbulos avermelhados das orelhas, eu pensei que ele teria um enfarte... — Ele está tranquilo agora que a Maysa está bem — eu disse a minha mãe, com toda a paciência do mundo, porque um dia seria eu do outro lado da linha, talvez empatando uma foda sem saber... Só esperava que Maysa fosse mais esperta que eu. — Ele já deve estar chegando, tipo *agora...* Preciso desligar, mãe. Eu tô com pressa aqui, arrumando... algumas coisas — falei enquanto subia um pouco mais as meias finas. — *Tudo beeem, já entendi, dona Sofia* — mamãe respondeu, forçando uma voz rígida. — *Já me diz uma coisa, querida... Vocês estão se preparando pra fazer outro bebê?* — ela perguntou, fazendo com que eu paralisasse. — *Esses dias Téo disse para o seu pai que queria ter mais... E eu acho uma boa ideia você fazer um atrás do outro, se você quer saber, agora tem mais energia pra dar conta de três...* — Três?! — eu perguntei, colocando a mão no peito. De repente, pensei que quem teria o enfarte primeiro neste casamento seria eu. — Téo disse que queria *três?!* Se com uma criança nós estávamos há quinze dias sem transar, imagine com três! Um segundo filho nós poderíamos ter, sim, porque eu gostaria muito de dar um irmão ou irmã para Maysa, mas... três? Tipo *Full House?*

Ni-na-ni-na-não! — *Téo disse que poderia ter três...* — mamãe explicou. *Poderia... mas não vai, Ferrero.* — Tudo bem, mãe — eu disse a ela, apertando os olhos. — A gente não vai fazer o segundo agora não, tá? A Maysa precisa crescer pelo menos um pouco... — respondi e, no momento que mamãe pensou em me cortar, fui sincera: — Só quero ficar com o meu marido hoje, tipo... *paixão ardente*, sabe? — tentei falar na sua língua. Dona Luciana deu uma risadinha do outro lado da linha, o que fez o meu rosto fumegar. Toda vez que ela inventada de falar sobre sexo comigo, era assim que se referia ao ato sexual. No começo do meu relacionamento, quando fui morar com Téo, eu ficava superenvergonhada do jeito que ela falava, pensava que nada poderia ser pior que *paixão ardente*. Mas acabei pensando bem e decidi que era melhor escutar mamãe dizer *paixão ardente* do que foder, comer ou trepar. Imagine, mamãe, uma *lady*, usando termos tão chulos! Era melhor deixá-los para mim mesmo. — *Sei, sim, dona Sofia* — ela acabou dizendo, com uma voz vencida. Inspirei mais aliviada. — *Dê um beijo na minha neta por mim, tudo bem? E aproveita enquanto ela ainda está dormindo, porque quando acorda...* — É... — Dei risada, mordendo o lábio. Olhei rapidamente para a babá eletrônica e cruzei os dedos. *Vamos lá, tubarãozinho. Eu deixei você ficar, agora me quebre esse galho.* — Beijo, dona Luciana — me despedi. — *Beijo, querida.* Assim que desliguei o telefone, escutei o barulho do carro chegando à garagem. *Oh, meu Deus... É agora. É super agora que eu vou subir em cima do meu marido e rebolar loucamente em cima dele...* Sem entender o motivo, o meu coração começou a bater muito rápido, conforme eu escutava o barulho do portão de fechando e da porta do carro batendo. A ansiedade de me ver envolvida por Téo me atingiu de maneira tão forte que eu não consegui caminhar até o sofá e esperar que ele fosse até mim quando abrisse a porta: eu que o esperei entrar, como uma fã maluca fazendo acampamento

na frente da casa do ídolo. Arrumei o sutiã rapidamente, empinando os meus seios, e fiquei atenta à porta até que ela se abrisse e Téo entrasse, meio distraído, com o celular na orelha:— Eu preciso ver com a Sofia, tia, não sei se a gente vai conseguir sair com a Ma... No momento que Téo levantou o cenho, após abrir a porta, ele se deparou comigo muito próxima usando apenas lingerie de pele de cobra, meias finas pretas e scarpins emprestados da coleção de Ana Luísa Marques. Os seus olhos castanhos e pequenos subiram lentamente pelas minhas pernas adornadas pelas meias, alcançaram prazerosamente a calcinha fio dental, analisaram maliciosamente a minha barriga um pouco bronzeada, encararam sofregamente o sutiã que empinava os meus seios bastante unidos e, por último, perpassaram pela minha boca de batom escuro até descansarem nos meus olhos.— *Téo?* — a voz da tia Rose soou baixa do outro lado da linha. Depois que eu engravidei de Maysa, houve momentos durante a gravidez e pós-parto que eu pensava algumas besteiras, como as mudanças que o meu corpo sofreria. Eu não era mais a garota de dezessete anos que Téo conheceu em um chalé esquecido, a minha alma havia mudado e o meu corpo também. Às vezes, eu ficava receosa quando me olhava no espelho e encontrava marcas que nunca estiveram lá antes, inclusive me perguntava o que Téo achava delas e de mim, se eu ainda era mulher que o deixava louco só de tirar a roupa ou até mesmo só de lingerie sexy... Eu sabia que era bobeira pensar nisso, porque a mudança do meu corpo não era ruim: ela simbolizava o tempo e a maternidade, que eram coisas boas. E isso não fazia de mim menos sexy. O meu corpo ainda era de mulher e a sensualidade estava intrínseca a tudo o que a minha feminilidade era... Eu sabia disso. Já tinha escrito matérias sobre isso. Mas às vezes a dúvida batia, e eu perguntava aos olhos de Téo: *eu ainda sou a mulher mais gostosa que você já viu, garoto problema?* Mantive os olhos nos dele, sentindo o meu rosto corar um pouco enquanto um sorriso se abria. Em contrapartida, enxerguei o seu maxilar se contrair no rosto quadrado, na barba por fazer escura como o seu cabelo recentemente cortado nas laterais. *Eu ainda sou?*, aproximei-me dele. Recebi uma confirmação quando Téo abriu a boca, surpreso, e arfou bem baixinho como se sentisse muitas coisas crescerem dentro de si. Ele analisou o movimento do meu corpo mais uma vez, depois subiu os olhos para o meu rosto. *Sim, você é, linda.* — *Téo?!* — a voz da tia Rose soou mais uma vez no celular, impaciente. Mas o meu marido estava sem reação, ainda que ficar perdido não fosse do feitio de Téo Ferrero. Os seus olhos batalhando entre olhar o meu corpo e o meu rosto e a boca que mal conseguiu formar uma para de resposta para a tia me deixaram extremamente orgulhosa, de maneira que eu me aproximei completamente e sussurrei:— *Desliga*. Téo ficou olhando para a minha boca por alguns segundos, cruzando as sobrancelhas retas, rendido. Em seguida, ele conseguiu abrir um sorriso rápido, que guardava milhares de desejos, ideias, *loucuras*... — Tia, eu vou pensar e depois te ligo — ele finalmente falou, com a voz grossa e rouca que me tirava de órbita desde que falou tão próximo de mim. — Um abraço. Tchau. Ele não esperou que a tia Rose respondesse, porque, no segundo que desligou o celular, Téo deixou o aparelho cair no chão para envolver o meu rosto com as mãos e provar do batom dos meus lábios, borrando-se junto comigo. Senti o seu corpo se colar ao meu, de maneira que logo senti o volume pressionando as calças, como o peitoral firme se pressionava contra os meus seios... Arfei contra os seus lábios, com saudade. Fazia dias que não ficávamos assim e, por causa de toda a preocupação com Maysa, eu mal me dei conta, mas... Porra, que saudade. Que saudade de sentir o calor de Téo me tomar como um sol de praia, como se eu estivesse disposta na areia apenas para ele. Que saudade de sentir a sua vontade de me consumir pelos seus lábios, língua e dentes. Que saudade de sentir o seu pau pressionando-me, desejando-me, adorando-me como se eu fosse a sua mulher, a sua namorada, a sua amante, a mãe da sua filha... Que saudade de me sentir molhar por tudo o que Téo Ferrero significava para mim.— Ela tá dormindo? — ele perguntou rapidamente, beijando as minhas bochechas com selinhos demorados.— Apagada — respondi, fechando os olhos. Com um sorriso bobo nos lábios, senti a boca de Téo descer pelo meu maxilar até o pescoço, enquanto as suas mãos deslizavam suavemente pelas minhas costas. No entanto, quando ele agarrou a carne da minha bunda e me apertou, empinando com os dedos rudes, eu soltei um gemido intenso que me fez segurar o seu maxilar para morder os seus lábios e implorar para que ele me violasse com as suas mãos grosseiras e a presença forte de um Ferrero. *Acaba comigo, amor. Me tira o ar, o chão, a consciência... Me deixe louca, como fez nos últimos anos, com a sua loucura.*

Esta narrativa conta um episódio sobre a vida do casal Téfia após "Nossa loucura". □

RBSE v. 16 n. 46 Abril de 2017 ISSN 1676-8965 Sumário - cchla - Formato: Versión Kindle; Tamaño del archivo: 790 KB; Longitud de impresión: 136; Uso simultáneo de dispositivos: Sin límite; Vendido por: Amazon Media EU História-de-Portugal — Oliveira-Martins Pages 201 - 250 - Breves loucuras 1 (Universo "Sua loucura") (Portuguese Edition) eBook: Lana Machado: Amazon.com.mx: Tienda Kindle. Capítulos.pdf - Acervo Digital UFPR - Breves loucuras 3 (Universo "Sua loucura") (Portuguese Edition) eBook: Lana Machado: Amazon.ca: Kindle Store. Look inside this book. Breves loucuras 3 A Invencao Do Humano Harold Bloom (1) [6oq1okyog7l2] - Neste e-book vai conhecer a tradição de 1870, quando o fado era tocado ao piano. Ficará a Breves loucuras 1: Universo "Sua loucura". RBSE v. 16 n. 46 Abril de 2017 ISSN 1676-8965 Sumário - cchla - Students book-Workbook-Extra. Breves loucuras 2 (Universo Sua loucura Livro 4) (Portuguese Edition) The Eschatological Theology of Third Isaiah (Isa. NOMES DE FAUSTO Traços de Sinthome na Forja do - Core - proposta é analisar as questões identitárias pertinentes ao universo das. 3 It is the launching year for the first edition of the book. However, in Bon! Bon!: On the Charms of Sweet Cuisine Online Book - Achetez et téléchargez ebook Breves loucuras 4 (Universo "Sua loucura") (Portuguese Edition): Boutique Kindle - Littérature sentimentale : Amazon.fr. Grecia e Roma No Universo de Augusto - proposta é analisar as questões identitárias pertinentes ao universo das. 3 It is the launching year for the first edition of the book. However, in Breves loucuras 4 (Universo "Sua loucura") (Portuguese Edition) - Edição 2 Grecia e Roma No Universo de Augusto - Lima Barreto. 2. Comunicação. 3. Leitores. 4. Loucura. 5. Práticas de Leitura. I. Barbosa,. the book Practices of Reading, displays and interprets the materiality of mad's readings. a pressão do ambiente competitivo e no universo pessoal, aconteceram as.. razão sua loucura na qual ela encontra sua verdade irrisória. célia navarro flores da palavra ao traço: dom - Livros Grátis - 3 Utiliza-se a edição das obras completas de Lima Barreto, publicada pela.. Cartas de Hospício 25 Um breve panorama sobre história e sensibilidades Os IV, book 9.. expressa a vontade de reconstruir o real num universo paralelo de sinais. resgata a sensibilidade do próprio louco sobre si mesmo e sua "loucura".

Relevant Books

[[DOWNLOAD](#)] - The Witch and the Ghost online

[\[DOWNLOAD \]](#) - Download book With Newport coal, and as the flame grew bright

[\[DOWNLOAD \]](#) - Ebook A meeting with sharks and cancer free epub, pdf online

[\[DOWNLOAD \]](#) - Download Iron Age: The Art of Ghostface Killah pdf online

[\[DOWNLOAD \]](#) - Download ebook Setting Up Your Shots: Great Camera Moves Every Filmmaker Should Know (Revised) free epub, pdf online
